

Crise do Regimento fratura peemedebistas e a Aliança

Do enviado especial a Brasília

“Eu vou passar por cima de vocês como um trator” (do deputado Luiz Henrique da Silveira, 47, líder do PMDB na Câmara dos Deputados, ao deputado Carlos Sant’Anna, 53, líder do governo na mesma Casa). “Você está iludido” (resposta de Carlos Sant’Anna, também do PMDB, a Luiz Henrique).

Esse diálogo — travado anteontem, quando já ficara evidente que nem mesmo dentro do PMDB se conseguiria um acordo para votar o Regimento do Congresso constituinte — mostra claramente que a crise que aflorou em consequência da disputa regimental foi muito mais profunda: na prática, ela fraturou não só a Aliança Democrática (a coligação PMDB-PFL que teoricamente governa o país), mas o PMDB e as relações entre o presidente Sarney e seu substituto eventual, Ulysses Guimarães.

A arma para essa batalha chamou-se “projeto de decisão”, mecanismo pelo qual a Constituinte poderia cogovernar, se aprovado na forma originalmente proposta pelo

PMDB. O presidente Sarney viu no dispositivo uma ameaça imediata aos seus poderes e, num futuro não muito remoto, até à duração de seu mandato.

Daí resultou o conflito Sarney-Ulysses. “Seria um ariete permanente apontado sobre a cabeça de Sarney”, disse ontem à Folha o deputado Carlos Sant’Anna.

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), 55, líder do PMDB no Senado e relator do substitutivo do Regimento, admite que há uma forte tensão entre Ulysses e Sarney. E acrescenta que será preciso “negociar muito” para recompor o relacionamento — e não apenas entre os dois principais nomes da República.

Segundo Fernando Henrique, será preciso negociar também dentro do PMDB e entre o PMDB e o PFL, para recompor os cacos do sistema partidário após a batalha regimental. Para o líder do PMDB no Senado, os peemedebistas estão divididos em três grandes terços: os “radicalmente progressistas”, os “radicalmente palacianos” e os que ficam no meio do caminho e podem se aliar ora com os primeiros, ora com os segundos.